

Divindades Femininas do Brasil

* Lucy Coelho Penna

(Revista Hermes - Publicação do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo. Nº 1; 1996, p. 66 – 94.)

As divindades femininas da nação brasileira merecem respeito e pesquisa porque estão na base da identidade nacional. São manifestações do princípio feminino sempre mencionadas no folclore e nas lendas, embora ainda pouco compreendidas sob a perspectiva psicológica.

Escolhi comentar quatro poderosas manifestações dentre as imagens divinas presentes na cultura do Brasil. O motivo da escolha é simples. Elas estão associadas pela simbologia de um elemento natural de grande importância na vida prática: a água.

A falta de água afeta 230 milhões de pessoas hoje no mundo. São 26 países sofrendo o descontrole dos recursos hídricos do planeta, segundo documento da organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Qual a condição psicológica coletiva que permite tamanho desequilíbrio? O Brasil tem uma das maiores reservas hídricas da terra: rios quilométricos, lagos e infinitos córregos umedecem o nosso território. Nem todos permanecem limpos porque a contaminação cresce rapidamente. As autoridades e a população geralmente pensam que os rios são escoadouros do lixo que as cidades produzem. Para eles mandam suas fezes, latas, detritos alimentares e industriais. Entretanto, as águas dos oceanos e rios são o berço da vida no planeta!

As divindades associadas aos mananciais hídricos são forças de cura e de regeneração, inclusive por sua ação transformadora através das chuvas e das enchentes. Muitos cultos religiosos antigos foram dispensados às entidades mantenedoras das fontes de água. A Igreja Católica a tomou como símbolo de purificação da alma no Batismo. Jesus Cristo se apresentou como “a água viva” que elimina a sede dos homens.

A sede tanto quanto as terras áridas e secas simbolizam a alma que não responde ao chamado divino. O terreno onde não brota nenhuma semente e a palavra divina é desperdiçada. Como está a receptividade da alma brasileira ao apelo dos espíritos da natureza? Certamente, nada consciente. Mas houve uma espécie de estampagem coletiva observável em várias regiões do Brasil produzindo aceitação, respeito e culto a poderosas entidades femininas oriundas das águas.

Sem entrar na questão de credos religiosos, a deusa do Marajó, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora Aparecida e Yemanjá são manifestações de um único processo psicológico na alma do povo brasileiro. Tantas variações de região para região, tantas influências dos imigrantes e temos uma presença indelével de norte a sul do país. É a poderosa Senhora que sob nomes locais, com origens e características particulares configuram o culto ao princípio feminino associado à água. Proponho que as vejamos em conjunto, como uma autêntica **Senhora das Águas** brasileira.

A seguir, abordarei sucintamente o padrão arquetípico que acompanha cada divindade. Poderes, cultos, mitos de origem e costumes associados a essas

deusas vão ser comentados. Um outro ponto importante a ser analisado está na formação de atitudes para com o ambiente e na influência sobre a adoção de papéis femininos.

A Senhora das Águas no Marajó

Na grande ilha do Marajó à foz do rio Amazonas, havia um povo que cultivou a terra, respeitou os elementos naturais e esculpiu com força e beleza a deusa que vemos à página 67.

Foram chamados Marajoara, por causa do nome da ilha onde provavelmente estavam há mais de mil anos quando chegaram os europeus. O apogeu dessa cultura, cerca do ano 700 da nossa era, deixou o testemunho de um espírito coletivo criador e conhecedor de símbolos arquetípicos. O que hoje sabemos sobre os Marajoara está na grande variedade de peças de cerâmica que enterraram nos túmulos artificiais que construíram. Essa rica produção oleira ficou guardada até recentemente. Sua descoberta aumenta a perspectiva da presença do culto aos elementos naturais no passado, em terras brasileiras.

Tendo de enfrentar as demoradas enchentes dos lagos e dos rios, além das marés oceânicas, os Marajoara criaram uma tecnologia de elevações, movendo toneladas de terra e mato. A ilha toda, na verdade, é uma barreira natural que impede o Oceano Atlântico de invadir as terras baixas que margeiam a boca do rio Amazonas. Marajó em língua tupi indica exatamente isto: *barreira do mar*. Ainda hoje, moradores e seu gado fogem para as terras altas raras na ilha algumas das quais podem ser aterros artificiais dos Marajoara. Segundo a arqueóloga americana Anna Roosevelt, (1) os túmulos atuais, apesar da erosão do tempo, permanecem cerca de 3 a 20 metros acima das enchentes. O que retrata bem o esforço admirável do povo que as construiu. Além das enchentes, o lado norte da ilha está sujeito ao fenômeno das pororocas, imensas ondas que devastam as margens, engolindo tudo à sua frente.

As pororocas, as chuvas e as enchentes são fenômenos periódicos que os Marajoara procuraram compreender através de uma visão cosmogônica cujo ponto fundamental parece ter sido a presença da Senhora das Águas. A figura mencionada é uma das imagens criadas para expressar a sua crença na presença de uma deusa rainha dos lagos, dos rios e da fertilidade. Certamente é uma divindade forte, projetada pela psicologia de um povo combativo e empreendedor que não sucumbiu às opressões naturais do ambiente. As mulheres podiam se espelhar na sua força instintiva, tanto para amar e procriar, quanto para matar as feras dos arredores e pegar no pesado, fazendo cerâmica, plantando e cozinhando.

Essa deusa foi encontrada dentro de uma das câmaras subterrâneas que compunham os cemitérios Marajoara. Outras figuras humanas, quase sempre femininas, também foram encontradas esculpidas e pintadas em quatro ou cinco cores, vivas ao tempo de sua descoberta, apesar da umidade intensa. São imagens que irradiam uma certa força mágica.

O corpo pintado da deusa sugere a energia matricial das águas da vida e também o poder sombrio das águas destruidoras. As espirais nos dão a impressão

de que ela própria foi criada pelo redemoinho das águas. O simbolismo do berço da vida e do abismo da morte se juntam nessa imagem.

A deusa do Marajó não está grávida, como era comum nas representações análogas, do período Neolítico. Ela parece mais com as deusas dos mistérios da vida-morte-vida(2), como Inanna, em que a função maternal não predomina sobre os outros papéis femininos.

Vênus nativa, essa deusa tem as características do seu ambiente. Seu formato lembra uma cobra, talvez um peixe. Provavelmente os peixes, as cobras, os jacarés, assim como os sapos e insetos, as aves que fazem ninhais na beira dos lagos da ilha fôssem todos seus animais sagrados. Quando a inteligência humana percebeu que o ciclo vital se iniciava dentro do ambiente líquido, criou imagens divinas para representar esses conceitos.(3) E os animais aquáticos tornaram-se uma hierofania para a Mãe das Águas.

A pequena Senhora das Águas do Marajó está sentada com as pernas abertas. Entre elas, dois pórticos em vermelho circundam a vulva sutilmente em relêvo. Cor do sangue e da vitalidade, o vermelho está sugerindo o portal da vida. Por ele tanto se chega à luz do dia quanto se pode ir para o escuro da morte. Reinando sobre os cemitérios do Marajó, essa concepção da Grande-Mãe é testemunha quase certa da crença na vida pós-morte. Protegidos por ela, os guerreiros estavam preparados para entrar sem medo nos territórios da outra dimensão.

Corpo consagrado

Os símbolos presentes na Senhora do Marajó são compensatórios a certos valores tradicionais da cultura cristã porque mostram uma outra percepção da vida além da morte, do alcance sagrado do corpo feminino e do respeito às forças naturais, especialmente a terra e a água. As concepções dos nativos da ilha lembram ensinamentos muito antigos, provenientes de culturas remotas, como a egípcia, a suméria e a dravídica. O poder curador e espiritual da serpente, por exemplo, está sugerido de vários modos na forma da deusa e nas espirais pintadas sobre o seu corpo. Ela tem um corpo nu, natural e consagrado. Uma aceitação desses valores psicológicos hoje implicaria em desenvolver novas atitudes para com o próprio corpo e para com a visão asséptica do cristianismo tratar as coisas relativas ao corpo humano. Seu aproveitamento poderia minimizar o efeito da negatividade unilateral que marca a figura da cobra na iconografia cristã.

Temos ainda muito que aprender com nossos antepassados nativos. Para os Marajoara, certamente, essa Senhora das Águas foi uma deusa reinando sobre suas visões espirituais. Dominou as chamas da fogueira funerária, os alimentos sagrados, as ervas alucinógenas nos rituais. Presidiu as danças em que mulheres e guerreiros escolhidos, usando tangas e falos de cerâmica, interpretaram o poder e a energia da criação, repetindo os gestos sagrados dos deuses na criação do mundo.

Séculos depois, outra fortíssima devoção à Senhora das Águas reapareceu na cidade de Belém, defronte à ilha do Marajó.

Nossa Senhora de Nazaré

Quem encontrou essa imagem vamos dizer assim mais moderna da Senhora das Águas foi um caboclo. Sabemos até o nome dele: Plácido José de Souza. E a data quase completa: outubro de 1700. Filho de português com índia, Plácido era um caçador. Morava num casebre perto da saída da cidadezinha que era Belém do Grão-Pará naqueles tempos. (4)

Vamos imaginar como isso pode ter acontecido. Plácido quis refrescar-se e desceu até o igarapé. Muitos viajantes andavam pelas bandas do igarapé do Murucutu, na estradinha que ia para o Maranhão. Há uns bons mil e tantos quilômetros dali, é bom que se diga. Passava da hora quente. O calor estava já amaciando e Plácido molhava os pés na água fresquinha. De repente deparou com uma imagem pequena enroscada nas pedras lodosas.

“Será que algum romeiro esqueceu ela aqui?”, pode ter pensado o assustado viajante.

Pegou a santinha de madeira, toda sujinha e lavou-a bem antes de carregá-la para sua casa. Mostrou para todos e fizeram um altar. Puseram vela e puxaram reza de terço. Dia seguinte, ô mistério! A santinha não estava mais lá.

Começava a série de fugidas dessa imagem romeira. Foram tantas e tão inexplicáveis que só quando o governador e o bispo deixaram os caboclos fazerem uma choupana ali mesmo nas pedras e na lama, a santinha sossegou. Era onde ela tinha escolhido ficar. Entronizou-se por si mesma, pronto.

Com apenas 28 centímetros de altura, essa santa sujinha ficou moreninha mesmo. Não conseguiram branqueá-la para ficar parecida com a sua correspondente portuguesa. Por que logo os jesuítas da localidade de Vigia, a uns 130 quilômetros de Belém, onde havia uma antiga tradição da santa, a identificaram como sendo a mesma Nossa Senhora de Nazaré, santa portuguesa que tantíssimos milagres já havia promovido em terras lusas espanholas. Conhecida de reis e bispos que até na África já a tinham levado. E por sua força, ganharam-se batalhas...

A humilde e misteriosa santinha do igarapé ganhou fôro histórico, vestiu-se com manto de linho bordado em fios de ouro. Mas o povo não a abandonou. Ou ela o escolhera primeiro, ao deixar-se apanhar num igarapé de beira de estrada pelas mãos grossas de Plácido, um mateiro caçador?

Passando a ficar cada vez mais conhecida pelos milagres que operava no povo, nos padres, curando governantes e comovendo os bispos, a Nossa Senhora de Nazaré de Belém ganhou até uma bonita basílica inaugurada em 30 de outubro de 1941. Uma imagem réplica é retirada da basílica anualmente, no segundo domingo de outubro, percorrendo as ruas das partes velha e nova de Belém sob os fogos e as rezas de uma multidão. É o Círio de Nazaré.

A cada ano que passa os jornais falam em mais de um milhão e meio de pessoas na procissão da Virgem de Nazaré. Este foi o cálculo estimado em 1995 e o número de fiéis só aumenta, há 203 anos.

Como se explica um fenômeno assim? Essa manifestação da Senhora das Águas tem uma força extraordinária na alma dos caboclos da Amazônia. Não só na alma deles, mas na de todas as pessoas que moram lá ou que chegam para ver a procissão do Círio. Não há quem não se arrepie ao ver a inacreditável

multidão que enche as ruas da cidade. Pesada, langorosa, a procissão se arrasta sob o calor tropical feito imensa cobra colorida.

No meio daquela turba, passa carregada numa berlinda de flores uma Nossa Senhora linda em seu manto branco e dourado. Uma coisinha de menos de 30cm com o poder tremendo de atrair tanta gente.

Há poucos anos introduziu-se uma procissão fluvial nos festejos da Santa. É uma outra glória. Ela vem adiante de um cortejo infindável de barcos de todos os tamanhos. Mostra-se então, clara e vivamente, a sua natureza de Senhora das Águas. Nenhuma força arbitrária conseguiria produzir o efeito psicológico dessa mãe viajando pela maré. Mas Ela pode. Atrai todos para si, essa doce e tão pequenina Senhora dos verdes lençóis amazônicos.

Experiência profunda

A manifestação da deusa como Nossa Senhora de Nazaré produz uma experiência moderna do *numinoso*. (5) Poucas ocasiões ainda temos, nos dias conturbados que atravessamos, de viver um contato psicológico com o transcendente. Mas isso pode acontecer frequentemente na Amazônia, quando a Senhora mostra sua face protetora aos que a procuram. Nas margens daquele mar doce, às portas do Oceano Atlântico, todos sabem. Bichos e gente, todos sabem que o planeta é das águas. Elas trazem a vida à terra, ma também matam e destróem. Ainda bem que a Virgem de Nazaré está aí para nos proteger.

Seria bom que a força da Virgem de Nazaré fosse usada para aumentar a consciência das pessoas sobre os recursos da região, mas não é. Não tenho conhecimento de processo algum relacionando a santa com os deveres do caboclo proteger os rios, impedir as queimadas ou algo do gênero. Não, essa divina presença não foi associada com os ciclos da natureza, nem está ajudando a protegê-la. Pelo menos de forma direta e consciente.

A Senhora das Águas, em sua manifestação como Virgem de Nazaré, tem força como protetora dos barqueiros e dos viajantes. Dos mateiros e peões, do pessoal simples que lida com os búfalos no Marajó, os cavalos, o gado nas fazendas da região. É invocada como Mãe de Todos. Aquele que não tem moradia pede a ela que ajude. Carregará uma casinha de madeira no Círio, em pagamento à promessa feita. Quem já possui casa coloca um quadro com a imagem da Virgem atrás da porta de entrada. É um aviso de que a família está sob a proteção da Nossa Senhora de Nazaré. Ela também salva os barcos e as pessoas de se afogarem. Salva dos perigos das matas e dos trovões, das tempestades e das enchentes.

Por suas características, a Senhora de Nazaré simboliza a Grande Mãe em seu aspecto clássico de abrigo seguro. Ela é a casa, o ventre materno, o abraço e o colo da mãe. Não está em seus domínios a regência da vida afetiva-erótica de homens e mulheres. A sensualidade natural da cabocla, por exemplo, precisa buscar outro modelo de identificação.

Outra qualidade importante na mulher da região permanece fora do âmbito da Nossa Senhora: a agressividade. A cabocla precisa ser forte e valente no seu dia-a-dia para sobreviver em condições muito difíceis. Precisa ser resistente, não Ter medo de cobras, bichos e enchentes. Atrair o seu caboclo, parir, manter a roça e a

casa. Essas e outras atividades normais na vida das mulheres amazônicas estão fora do âmbito de proteção da Virgem católica. Ainda que batizada, a mulher da Amazônia completa seu processo de identificação através dos modelos indígenas. Os modelos cristãos tradicionais são insuficientes para proporcionar a integração psicológica das tendências agressiva e amorosa que dependem dos modelos arquetípicos de origem indígena para serem equilibradas na personalidade.

Os mitos indígenas cultuam a força e a coragem diária. As pessoas simples escapam dos papéis tradicionais da sociedade e vivem experiências intensas através dos recursos simbólicos nativos. Elas enfrentam os elementos naturais e os animais, como também as energias instintivas interiores. A vida afetiva-sexual das caboclas, por exemplo, nunca pôde ser totalmente administrada segundo os preceitos da moral cristã.

Um bom exemplo disso está no mito do encontro amoroso com o peixe-homem, o boto. Sem compromisso, sem definição, a cabocla entrega-se ao boto transformado em belo rapaz, vivendo uma experiência emocional que tem profundo sentido para ela. Seu ato significa comungar com as forças da vida e sua entrega à natureza, fora e dentro de si mesma. Uma rendição psicológica necessária para quem vive em um ambiente onde os elementos naturais, como as águas, decidem a sobrevivência de todos.(6)

A manifestação da Senhora das Águas em Belém, deixa lacunas, embora trazendo vários aspectos positivos do arquétipo feminino. Ela simboliza o lado doce e materno, mas nada sensual. Seu **manto triangular**, entretanto, pode ser imaginado como involuntária alusão à forma de corpo das deusas pré-históricas. Quando a cabeça nem parecia humana, esculturas com largos quadris, sem braços e com pernas atrofiadas, lembravam às pessoas que a fecundidade estava na Terra, assim como nas mulheres. Por isso a arte pré-histórica criou figurinos que tiveram a forma de triângulos com base para baixo. Bem semelhantes à imagem da Senhora das Águas dos índios Marajoara.

Além disso, **a cor morena** da Virgem de Nazaré também é um atributo das antigas deusas que receberam a força telúrica dos vales úmidos, das escuras cavernas, das noites estreladas. Para fazer recordar que a fecundidade do útero, assim como a da terra molhada, é obscura, misteriosa. E que a geração da vida se passa longe dos olhos humanos. A semente dentro da terra. O ser humano no útero. O morto, de novo, regenerando-se na obscura proteção da Grande-Mãe. Não foi a hebréia Maria uma morena em vez de clarinha como a pintam os europeus?

O sinal da pele escura nas divindades femininas do Brasil fica ainda mais evidente em Nossa Senhora Aparecida, a Santa Padroeira do Brasil.

Nossa Senhora Aparecida

Como foi aparecer esta Senhora toda pretinha em meio aos alvos fidalgos portugueses? E tão milagrosa.

Nasceu das águas. Nasceu sem cabeça, a pobre. Pescada por partes, a santa impressionou desde o primeiro momento.

Conta o seu mito que três pescadores batalhavam no rio Paraíba, sem obter nenhum sucesso. Seu problema era que o governador de São Paulo e Minas

Gerais ia visitar Guaratinguetá e eles estavam incumbidos de providenciar a comida da comitiva toda.

Mas, peixe que é bom, nada. Então João Alves pescou em sua rede uma santinha de madeira mutilada. Mais adiante, a tarrafa trouxe a cabeça que faltava. Foi encostar a cabeça no corpo da santa, os peixes começaram a aparecer dentro das redes dos três. Milagre.

Quem guardou a imagem e mandou seu filho fazer ermida foi Filipe Pedroso. Chegava gente de todas as cidades para ver a santa *pretinha* de 38 centímetros. Ficou famosa e fez tantos devotos que em 16 de julho de 1930, a pedido do clero brasileiro, o Papa Pio XI declara Nossa Senhora Aparecida Padroeira Principal do Brasil.

Não foi associada com outra santa, não precisou. Era aparecida mesmo e com este nome ela ficou. Mas quanto poder! Corria o ano de 1717. Hoje, a imagem está na portentosa basílica na cidade que se formou no local, chamada Aparecida no Norte. Deve ter uma Aparecida do sul ou do leste, não sei.

Como é costume católico, ganhou manto triangular e coroa de ouro. Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Nazaré de semelhantes ficaram idênticas. A primeira, porém, decididamente preta.

A santa negra

Como explicar uma santa de provável origem portuguesa feita em madeira tão escura? Fácil, os padres juram que foi o longo tempo de contato com a água do rio Paraíba que escureceu a cor da santa. Uma negação que traz consequências importantes na psicologia das pessoas. Primeiro, rejeitou-se o sentido espiritual que trouxe a santa à tona dentro de certas condições bastante peculiares. Segundo, banalizou-se o simbolismo do seu aparecimento de dentro do rio.

Uma imagem de santa negra num país onde *ainda havia escravidão autorizada pelo governo está nascendo do próprio inconsciente nacional!* Aparece de dentro de cada um, do mais escuro da alma de todos. Da nossa sombra não admitida, vergonhosa, triste e até, criminoso. E vem como uma figurinha ... sem cabeça. Quantos símbolos que ainda precisam de releitura, fora dos padrões em que colocaram o mito. Porque foi tudo datado e o acontecimento estranho recebeu créditos de historicidade.

A religião católica sempre procura aumentar o crédito provando que seus profetas e santos tiveram existência histórica. A atitude abrange mesmo Jesus, O Cristo. Nem todas as religiões têm o mesmo procedimento. O resultado psicológico comum de atitude historicista é a perda de alcance do significado profundo do símbolo. Ele se reduz a “nada mais que...” um fato localizado em tal espaço e tempo. Cria-se uma abordagem externalizada, desvalorizando-se a impressão subjetiva e o alcance simbólico do mito. Por isso, o devoto perde a experiência numinosa que teria, caso se aproximasse da imagem santa aceitando os elementos inconscientes mobilizados pelo mito.

Ele chega na Basílica de Aparecida com a cabeça cheia de informações externas, pensa de acordo com aquilo que as convenções religiosas lhe dizem. Não para, não sente por si mesmo. Fica sem vivenciar o que é aquela santinha preta ali, entronizada, adorada como poucos santos no mundo. O que é tudo

aquilo? Por que ela é preta e veio das águas? Seu encontro com a santa não tem a alegria da vida. Parece mais melancólico, desanimado porque Ihe está interdito o ato de viver o mito da divindade. Tudo já foi prescrito e o devoto fica afastado do encontro sagrado da pele escura na sua vida.(7)

Nossa Senhora apareceu acéfala e só colando a sua cabeça os pescadores tiveram abundância. Ela é a Mãe do rio. Senhora das águas da vida. Senhora dos peixes. Os peixes não somos todos nós, já que Jesus Cristo era o maior pescador de homens? Ela é pois nossa mãe. E também a Mãe da fartura, como as mães-pretas deste Brasil inteiro sempre simbolizaram. Com os seios fartos que aleitavam o pretinho e o filho da sinhá. A mãe preta de mil estórias na imaginação de todos os brasileiros. Ainda hoje cantada e venerada na morena gostosa, generosa, que sabe dos dengos da cozinha e da cama. A mulher preta sempre invejada pelas donas bem-educadas que não podiam gozar com seus maridos porque, afinal, o que eles iam pensar delas? Eles iam atrás das pretas e mulatas.

No Egito, onde se aceitava o mito como criação psicológica, com significados vitais, sem procurar a historicidade como justificativa, os deuses evoluíam. Mudavam, segundo também mudasse a mentalidade dos grupos culturais, os séculos, os povos. Isis, por exemplo, a mais duradoura expressão do arquétipo divino feminino, segundo o psiquiatra Erich Neumann, (8) perdeu a cabeça. Foi decepada pelo filho Hórus que, em troca, deu-lhe a cabeça de uma vaca.

Imagine fazer disso um fato histórico. Nem se cogita que Isis possa ter sido humana. Um acontecimento mítico que pertence ao espaço psicológico, não realista. Assim, com o respeito devido aos símbolos emanados de forças além da compreensão dos humanos, os egípcios aceitaram que Isis ficou sem cabeça. Ainda hoje esse detalhe tem interesse para acompanharmos o processo de individuação feminina.(9)

No caso da imagem preta de Nossa Senhora sem cabeça, temos que aceitar o elemento inesperado como sendo a expressão de um fator transcendente. Um belo sinal da necessidade de mudança do modo de raciocinar e de controlar o processo da vida. Perder a cabeça indicaria tanto a confusão, até a loucura, quanto um processo de profunda estruturação interior. Em se tratando de uma divindade, o símbolo aponta a direção superior onde do sentido seria indicar a necessidade de contato consciente com os dinamismos emocional e instintivo da psique. Sugere que os seus devotos precisariam rever e, quem sabe, renunciar a algumas idéias para aceitação de novos paradigmas.

O mito de Nossa Senhora Aparecida sugere que a força psicológica que ela simboliza estava sob a ação do poder regenerador das águas. Podemos supor que a santa estava sob o trânsito de elementos regeneradores do princípio feminino. Ela nasceu de novo pela tarrafa do pescador. Veio à luz pela ação dos seus filhos, ela que é a própria Mãe da Luz. Será que nós vamos atualizar esse mito e recriar a verdadeira Senhora da sabedoria, a Sofia dos alquimistas? A Mãe preta indica a possibilidade de união dos elementos mais instintivos e profundos da psique aos elevados e espirituais. Será esse um traço no destino da nação brasileira?

A divindade que foi chamada Aparecida não poderia ser vista de maneira tão conservadora como rezavam as tradições cristãs dos antepassados lusos. Foi, e talvez tenhamos perdido algo da força desse acontecimento singular, sincrístico

para a hora do país. A deusa que renasceu do escuro fundo do rio Paraíba, trazendo no corpo a cor da matéria-prima (*materia nigris*), não era mais apenas uma santa *católica*. Ela foi e é uma poderosa manifestação da psique coletiva que projetou sobre a imagem de madeira o *tremendum numinoso* da Virgem preta. Como também Cybele, Afrodite e Diana de Éfeso. E a santa da Polônia que o Papa reverencia. E Nossa Senhora de Reims, Nossa Senhora de Guadalupe e tantas outras. Santas ou divindades que incorporam, justamente, o lado mais ctônico da Grande Mãe. Uma presença constante na psique dos povos, a mãe da matéria, a própria Mãe de Todas as Coisas.

A sincronicidade

Qual a representação oculta no fato da vinda de Nossa Senhora Aparecida no Brasil da época? Entre muitas interpretações possíveis, escolho uma: a sincronicidade do aparecimento da imagem aponta para uma união. O Brasil é abençoado pela Mãe Negra. A poderosa Senhora das águas, da abundância. Aquela que tem na pele a cor do útero fecundado, da terra quando fica úmida. A cor da noite de muitos mistérios. Da substância perigosa porque desconhecida. A sombria face do lado oculto que não se explica racionalmente. Esse lado que sempre fica mais próximo da mulher, o Yin dos chineses taoístas. O escuro do fundo das águas primordiais, de onde tudo o que existe nasceu. E continua nascendo dentro de nós.

O século do aparecimento da Virgem do rio Paraíba foi o mesmo da Revolução Francesa. Como aconteceu com ela, muitas cabeças pensantes literalmente foram decepadas. Rolaram na guilhotina. A cultura ocidental transformava-se aceleradamente e precisou incluir cada vez mais novos elementos, vindos, sobretudo, dos inferiores conhecimentos marginais, da face sombria da sociedade. Forças que estiveram reprimidas e negadas pelos governos e pelas religiões da época.

Que energias estariam sendo estimuladas na psique coletiva brasileira em correspondência ao aparecimento dessa figura divina? Teria relação com a abolição da escravatura que foi assinada por D. Isabel século e meio depois? As mulheres em geral foram mais valorizadas nas ciências e nas artes, ganharam direito a falar e a pleitear cargos públicos.

Mesmo que os símbolos da pele preta e da separação da cabeça não tenham sido devidamente valorizados pela religião, algum contato inconsciente pode ter mobilizado a psique brasileira. Mesmo que não completamente compreendido, o mito de Nossa Senhora Aparecida teve ressonâncias que não podemos acompanhar. O evento sincrónico é evidente por si mesmo. Ainda que o processo de torná-lo consciente leve décadas. No caso, melhor falarmos em séculos. Ouso dizer que a porção desse mito que foi escondida pelos religiosos, tornada marginal e portanto inconsciente nos devotos e neles mesmo, reapareceu sob outras denominações. Yemanjá é uma dessas manifestações. Ela se apresenta à devoção popular no Brasil com muito mais força que jamais teve na África. Que sede o povo daqui tem de uma Mãe poderosa!

No contexto amplo, o mito de Nossa Senhora Aparecida mostra como não se tem controle sobre como e quando tais manifestações vão surgir. O imponderável

taz o numinoso transcendente. A figura feminina divina de Nossa Senhora Aparecida corresponde a uma especial mobilização do arquétipo da Grande-Mãe na psicologia da nação. O possível encaminhamento para o resgate do lado ctônico, regenerador da vida, emocional e amante da alegria de viver. É também o contato com as bases da abundância e a plenitude. Essa dimensão psicológica estava em desequilíbrio na nossa psique coletiva. E talvez ainda esteja. Mesmo que o culto à Yemanjá tenha abrandado o conflito presente na alma do brasileiro: um conflito entre o lado apolíneo, claro e racional eo lado dionisiaco das expressões místicas, do transe, do êxtase, das orgias sensuais.

Permanece para todos que se debruçam sobre o modo de viver brasileiro a sensação de que temos um conflito subterrâneo, onipresente. Tudo parece ser tão grandioso, mas vivemos na pequenez e na miséria. Falta clareza e alinhamento de propósitos em direção a um objetivo realmente unânime. Conscientemente assumido. A alma brasileira parece estar fragmentada em mil partes que se opõem entre si. *Nossa cabeça ainda foi colada. Logo, os peixes ainda não abundam nas nossas tarrafas.*

Mas a intensidade das devoções às divindades femininas neste país estaria mostrando que essas deusas têm uma função muito importante para desencadear o processo de regeneração da alma brasileira. De modo mais específico, na relação com as figuras femininas arquetípicas mostra-se bem o conflito íntimo dos brasileiros.

Para exemplificar, as relações entre os homens e as mulheres são frequentemente dominadas por duas tendências contrárias. De um lado estão as atitudes conscientemente assumidas, um lado moralmente aceitável pelas religiões cristãs. O poderoso caráter apolíneo, claro e politicamente correto pelo qual as mulheres – da mãe à esposa, filha e irmã, são “santas”. E o extravasamente dionisiaco com as outras mulheres, geralmente as que estão fora da família. O mesmo lado dionisiaco que se esbalda na orgia do carnaval. A face brasileira presente no caráter trambiqueiro do nosso herói-sem-senhum-caráter: Macunaíma.

Do ponto de vista feminino, fica difícil integrar o aspecto sedutor e erótico na vida matrimonial e maternal. Porque os modelos apolíneos da nossa cultura não o permitem. Nossa Senhora, sob qualquer nome, é uma mãe santa que não dorme com o seu marido. E agora? A pessoa simples não alcança os altos cumes do dogma mariano. Resta o impasse.

Os aspectos mais sublimes da figura divina de Maria e o que ela representa como integração dos sentimentos elevados de amor humano ficam longe da vida prática da maioria das pessoas, justamente porque nos falta a interiorização do símbolo.

Vou dar um exemplo simples. A procissão de Nossa Senhora de Nazaré leva a Virgem até a sua basílica. Quando ela chega à “sua casa”, quem a recebe? Homens. Padres da Igreja. Embora vestidos com longas saias, são homens e todos sabem disso. Nenhuma freira, mulher cristã ou mãe de filhos tem o direito de estar ali, naquela hora sagrada, recepcionando a doce Senhora. Uma família cristã é composta de pai, mãe e filhos. Os motivos pelos quais as mães não podem ascender ao palco sagrado para receber a Mãe de Todos nunca foram devidamente declarados pelas autoridades religiosas. Torna-se difícil esperar que

as mulheres se identifiquem completamente com aquela imagem da santa, enquanto o seu poder estiver restrito á banda masculina da humanidade. Sinal da comum inaceitação do princípio feminino que regularia os costumes excessivamente patriarcais da sociedade brasileira. Fato já bastante estudado. Falta é perceber como o processo de transformação dos símbolos das divindades femininas atua na psique coletiva. Motivo pelo qual Yemanjá precisa ser mencionada.

A Senhora dos Peixes, Yemanjá

Doce, bonita, dona de uma presença divinamente elegante e sensual, Yemanjá vinha com o seu séquito pela estrada. Quando foi vista por Orunmilá, o advinho, deus poderoso na tradição yorubá, da África.

“Mande ver quem é aquela mulher tão sedutora”, ordenou ele.

Ela se apresentou. Era Yemanjá, rainha e mulher de Oxalá.

Ouviu o convite para ir conversar com Orunmilá. Não foi, continuou o seu trajeto. Como as mulheres gostam de fazer, foi quando teve vontade.

E tanto conversaram que Yemanjá ficou grávida.”

Temos aqui uma imagem diferente do caráter feminino que inclui a dimensão amorosa e sexual. Compilada por Câmara Cascudo, (10) essa lenda retrata bem a divindade nagô (yorubá) trazida pelos escravos africanos cujo culto e devoção se espalharam pelo Brasil.

O mito original de Yemanjá, deusa da região africana de Ifé e Ibadan, atual Nigéria, se perdeu no tempo. O antropólogo Verger(11) diz que depois de seu casamento com Orunmilá, Yemanjá casou-se com Olofin, rei de Ifé, com quem teve dez filhos que correspondem aos orixás do panteão yorubá.

Sua posição como Mãe dos Santos é confirmada por Iwashita,(12) teólogo brasileiro que recuperou numerosas referências aos costumes e tradições ligadas à Yemanjá. Nele encontro a versão mais correntemente aceita em que a deusa é filha do Céu com a Terra. Sua função cosmogônica e ambiental é bastante significativa porque a tradição a considera a “mãe do peixe” (*yeye*: mãe e *eja*: peixe), portanto senhora dos alimentos. Sendo a divindade preservadora dos rios e mares, Yemanjá também defende os seres humanos dos perigos das águas.

Uma das muitas versões do mito de Yemanjá conta que ela se casou com um irmão, Aganju (tera firme, floresta, planície) gerando Orugan (o alto do céu). Quando adulto, Orugan apaixonou-se por sua mãe. Certo dia, aproveitando-se da ausência do pai, perseguiu-a e a forçou aceitá-lo sexualmente. Depois disso, a deusa fugiu desesperada para esconder-se. Orugan, arrependido, quis consolá-la, mas ela reagiu com uma transformação assombrosa: começou a inchar desmesuradamente. Dos seios enormes brotaram torrentes de água que formaram os rios da terra. Seu ventre aberto deu nascimento a todos os orixás. Tornou-se a Mãe dos Deuses.

Levado ao pé da letra, o incesto confunde uma consciência feminina sensível. Sabe-se, entretanto, que algumas deusas da antiguidade foram mães e amantes de seus filhos. O detalhe do incesto é simbólico, não exatamente religioso, trazendo implicações psicológicas que não daria para aprofundar no espaço deste artigo. A fecundação de Yemanjá por seu filho, chamado “o alto do céu”,

entretanto, revela um elemento psicológico fundamental para compreender-se a relação com a energia da Grande-Mãe. Embora o detalhe do incesto tenha passado por uma maquiagem cristã depois de chegar ao Brasil, sendo disfarçado e omitido, já é tempo de suspender o véu da falsa interpretação moralista dos mitos. Quando o mito de Yemanjá foi criado, a dicotomia entre o “bem” e o “mal” não existia do mesmo modo como para nós hoje.

O sentido do mito diz que a senhora dos mares uniu-se ao senhor da terra firme, dando nascimento ao senhor do alto do céu. Simples lição para aprender que o amor leva à criação do céu aqui no planeta. Os orixás, que estão presentes dentro de cada ser humano, são intermediários das forças elementais do meio ambiente. Na conceituação nagô, o coito de Yemanjá com Orungan, embora proibido, funciona como propiciador de uma transformação fundamental para a humanidade: fazendo-a senhora das forças da natureza, através dos orixás, ancestrais divinizados dos próprios homens.

Desde os tempos míticos, os orixás garantem aos seres humanos o controle sobre certos elementos naturais, como o vento, o trovão, as águas doces ou salgadas. Foram eles que asseguraram a possibilidade de exercer atividades necessárias à cultura, como a caça, pesca, cerâmica, conhecimento de plantas e de animais, metalurgia, marcenaria e outras. A fecundação pelo “alto do céu”, tornou a deusa capaz de por filhos dinâmicos no mundo, os verdadeiros germinadores da civilização humana. Modelos de uma relação dialética com os recursos naturais do planeta, os orixás, filhos de Yemanjá, podem inspirar atitudes ecológicas equilibradas nas pessoas orientadas para fazer o bem comum.

Por essas condições, a presença de Yemanjá entre as divindades femininas no Brasil contribui com as características primitivas das deusas antigas para complementar os modelos de identificação feminina de origem europeia e indígena.

Um mito vivo

O mito de Yemanjá ainda está bem vivo e não foi colocado como fato histórico. Ela jamais foi reduzida a uma personalidade que tenha vivido na África. Os seus devotos reconhecem o seu domínio interiormente e ela reina no nível imaginário que alimenta com sentimentos, experiências, rituais e êxtase. Qualquer um pode tornar-se filho de Yemanjá, passando pelo ritual de iniciação da deusa. Basta ser chamado por ela. E quando ela chama, não o faz apenas com idéias abstratas, mas através da dança.

Os afilhados da deusa dançam balançando como as ondas do mar, porque a sua presença acende as emoções e o erotismo, solta a alegria de viver, afinal quem pode controlar as ondas? Sentindo a maré baixa e a maré alta, assim os filhos dessa deusa aprendem a equilibrar-se com seus estados emocionais. Sob o ritmo do fluxo das águas interiores aceito e vivenciado, reequilibrando-se quando a maré interior muda. Sem explicações excessivas, interiorizando os símbolos.

No Brasil o culto de Yemanjá sofreu uma verdadeira metamorfose. De protetora dos rios na África, tornou-se conhecida como rainha do mar e de todas as águas. Quando por vício histórico a Igreja obrigou os escravos a uma cristianização, o resultado foi uma associação de muitas santas católicas à

divindade africana. Consta-se, entretanto, que a estética do cristianismo “não conseguiu contaminar as virtudes e a dignidade que fizeram do terreiro um polo de resistência e de conhecimento cultural do africano no Brasil”, testemunha o etnólogo Raul Lody.(13)

A tendência geral da psique dessa terra em venerar uma Grande-Mãe ampliou as funções de Yemanjá tornando-a a grandiosa Senhora das Águas. Outro aspecto da metamorfose brasileira é a sua apresentação como lara, ou Mãe-d'água, entidades do panteão indígena anterior à chegada dos africanos. Yemanjá como lara convida seus apaixonados a mergulharem para fazer amor com ela no fundo das correntes, cachoeiras, rios ou mares profundos. Nem sempre os amantes retornam.

Quem não se lembra da fatalidade com que Jorge amado fala dos chamados de Dona Janaína aos pescadores da Bahia, em *Mar Morto?* Janaína ou Dona Janaína, Dona Maria, Ianê, Iemanjá, Princesa de Aiocá são outros nomes para a deusa yorubá. Mas também pode ser chamada coo Minha Madrinha, Minha Mãezinha, Princesa do Mar, Rainha das Águas, Sereia do Mar.

Yemanjá é representada por conchas, símbolo da acolhedora concavidade do corpo feminino, assim como as Vênus antigas. Ela é vaidosa, recebe presentes de espelhos e perfumes e não desfaz de sua beleza em nome da maternidade. As suas filhas parecem ganhar um tipo físico arredondado, com seios grandes e um certo olhar calmo.

O arquétipo de Yemanjá leva a mulher a ser ótima mãe, uma fera na defesa dos filhos, grande amiga que pode perdoar as ofensas mas jamais esquece. Geralmente passa a vida com um mesmo companheiro, desde que tenha conforto. Gosta do luxo, dos prazeres da mesa e da cama. É voluntariosa, sujeita a dores de cabeça e com alguma tendência às fantasias.(14)

Yemanjá é uma divindade que permite às duas filhas desenvolverem amor erótico, como fizeram as deusas Inana da Suméria, a egípcia Hathor, Afrodite da Grécia e Vênus em Roma. Yemanjá da nação dos yorubás, hoje também dos brasileiros, simboliza a inteireza do amor feminino. Um modelo da amante, cheia de alegria de viver, mulher bonita, vigorosa, sedutora. É também mãe venerável e severa, protetora dos perigos das tramas sentimentais. Uma revelação azul e prateada da força da emocionalidade, típica na alma coletiva da maioria das pessoas deste país.

Vamos mais longe e comparemos Yemanjá com Nossa Senhora de Naaré e Nossa Senhora Aparecida e todas elas com a deusa dos Marajoara. Em outros termos, pode a Virgem Maria ser a mesma que Afrodite-Vênus, ou Yemanjá ser uma outra Inana ou Isis?

As Faces da Deusa

Campbell criou os termos de comparação entre as divindades femininas e masculinas em sua magnífica série *As Máscaras de Deus*. Aplicando as bases teóricas de Jung aos modernos achados arqueológicos, Campbell evidencia a unidade do arquétipo divino que se manifestou na psique como sendo de natureza ora feminina, ora masculina e também andrógina. No volume *Mitologia*

Primitiva(15) encontro as palavras de Ísis ao seu iniciado Apuleio, cerca de 150 d.C.

Sou aquela que é a mãe natural de todas as coisas, senhora e governante de todos os elementos, a primeira progênie dos mundos, o mais importante dos poderes divinos, rainha de todos que estão no inferno, a mais importante dos que vivem no céu, manifesta apenas sob uma única forma em todos os deuses e deusas. (...) Minha divindade é adorada por todo do mundo, de diferentes maneiras, em diferentes costumes e por muitos nomes.

Que mistério é este que parece durar milênios?

O culto de Yemanjá, por exemplo, está vivíssimo e tende a aumentar, confirma Iwashita,(16) seja na América do Norte, em Cuba ou na América do Sul, tendo o Brasil uma importante influência neste crescimento.

O contato dos africanos com o catolicismo favoreceu o sincretismo religioso e aproximou Yemanjá de Nossa Senhora da Conceição, festejada em 8 de dezembro. Ligou-a com Nossa Senhora das Candeias, festejada em 2 de fevereiro. Nessas datas sagradas, uma deusa magnífica é venerada em rituais à beira mar que se estendem da Bahia ao Rio Grande do Sul. Lembremos que Conceição vem de *concepção*: conceber, que tanto significa pensar como ter uma criança. A Senhora das Águas na imagem de Nossa Senhora da Conceição está associada com a lua em quarto crescente, mais uma analogia com as poderosas deusas neolíticas. A função psicológica do crescente lunar é muito ampla. O mínimo que se pode dizer sobre este símbolo é que está pontuando a correlação com o princípio feminino presente nos ciclos naturais do tempo, das plantas, da colheita e as condições vitais da mulher.

Em Cuba, o 8 de Dezembro é uma festa alegre consagrada à Nossa Senhora, Virgem de Regla, padroeira dos pescadores. Lydia Cabrera(17) relata que com o passar do tempo a Virgem de Regla e Yemanjá tornaram-se uma única entidade na mentalidade dos cubanos.

Segundo Roger Bastide,(18) o culto de Yemanjá se identifica com Nossa Senhora da Praia, sobretudo na Bahia. Enquanto no Rio Grande do Sul, com Nossa Senhora dos Navegantes, levada em procissão por marinheiros e pescadores. De maneira geral, as pesquisas indicam o processo de integração das imagens de Yemanjá em diferentes locais do país com a Virgem Maria, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora de Lurdes. E também, Nossa Senhora da Candelária (Rio); Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Boa Viagem (em Recife); Nossa Senhora dos Navegantes (Porto Alegre), Nossa Senhora do Bom Parto (Maranhão).

Em todas essas manifestações, a Senhora das Águas é proteção contra os perigos das águas. É uma divindade que traz a luz (candeia) das águas. Ela é a *Stella Maris*, a magnífica estrela do mar.

Uma outra face da deusa manifesta-se em Nossa Senhora Aparecida, a mãe dos peixes, tanto quanto em Nossa Senhora de Nazaré, a morena protetora dos navegantes amazônicos. Ambas, modernas transformações da pré-histórica deusa conhecida dos artistas Marajoara que possivelmente reinava sobre todos os animais aquáticos. Por ter encontrado a face da deusa na pequenina imagem dos Marajoara, eu compreendi como é antiga sua presença nos povos que habitaram esse território.

O diplomata J.º de Meira Penna(19) expôs no livro *Em Berço Explêndido* a tendência nacional para viver eternamente no colo da grande-mãe. Esse pensador junguiano brasileiro percebeu, com clareza, os traços filiais no caráter da nossa alma. Porém, a ambígua posição do incesto não foi clarificada pelo autor.

O colo da Mãe

Sob a força desse arquétipo, uma pessoa sente-se nutrida, protegida, mas ao mesmo tempo atraída pelos seus impulsos, sem ética nem ponderação. Há o risco de ser devorada pela dinâmica impessoal do inconsciente coletivo, perdendo o senso de identidade. O colo da Grande-Mãe atrai para a emocionalidade descontrolada que pode tornar-se fixação no passado, uma prisão no sentimentalismo adocicado e piegas. Um estado psicológico que destrói a autonomia do indivíduo, sugando suas energias.

Essa face da Grande-Mãe representa uma morte simbólica na qual os filhos servem à sua vaidade e nunca atingem a verdadeira luz do conhecimento. Continuar em berço esplêndido é ficar infantilizado. Por outro lado, negar o detalhe do incesto, tal como negar a cor preta da Padroeira do Brasil é continuar sem atender aos símbolos do inconsciente. Não ver o que está diante dos olhos. Em atitude reducionista, antropólogos afirmam que a imagem da divindade Marajoara é uma simples bonequinha. Reduzindo o alcance psicológico dos símbolos da alma nacional, permaneceremos pequenos diante da grandeza dos desafios culturais que nos afrigem.

É importante ir além das fronteiras desgastadas dos pontos de vista tradicionais quanto aos modelos de identidade femininos. A separação entre maternidade e vida amorosa-erótica não tem mais sustentação e o simbolismo do incesto põe essa questão em relevo.

Paul Diel(20) indica uma nova maneira de perceber o incesto de Édipo, por exemplo. Sua interpretação identifica a extrema vaidade do herói e a arrogância, associada à insegurança postural (Édipo era manco), como base do seu desequilíbrio. Traz, em consequência, um estado interior agitado e nervoso que banaliza a vida sexual e erótica, vendo-a como mera utilidade para aumentar suas posses. Um casamento por interesse leva-o à desgraça. Visto por este autor, o incesto de Édipo é um símbolo da atitude consumista do ser humano diante dos recursos da grande-mãe. Imagem clara da atitude infantil, misto de vaidade, medo de envelhecer e de morrer que dominam o comportamento de muitas pessoas diante dos ciclos do tempo. Gerando desrespeito para com o bem comum e falta de verdadeira consciência ética na relação com as forças da natureza.

Pois a grande-mãe representa a matéria e a relação com ela mostra o modo como respeitamos ou abusamos dos recursos do planeta e das energias do nosso corpo. Ir ao encontro da grande-mãe sem violência significa amar a terra, cuidar dos seus recursos, estudar e respeitar os ciclos naturais. A percepção das divindades femininas predominantes no Brasil pode ajudar a levantar meios de educar e manter uma atitude consciente voltada para uma dinâmica dialética criativa frente aos elementos naturais que estão na psique e no ambiente.

Nós precisamos criar a saga do herói que não age como Édipo, inflado por imaginar-se “filho de deuses”. Ao invés, levanta cedo e planeja sua vida. Luta co

os aspectos inferiores que o aprisionam, liberta-se da preguiça e da improvisação, tão caras ao temperamento brasileiro.

Não desgraçamos o solo desse país e poluímos as fontes de água por interesses vaidosos e gananciosos durante os últimos séculos? Não intoxicamos o corpo com cigarros, álcool e comidas inadequadas, sem pensar? Uma devoção apenas sentimentalista às divindades maternais não tem força para evitar os males causados pelo descontrolado desejo de possuir e de gozar. A Senhora das Águas não pode ser possuída pelos homens e mulheres, assim como a terra e a água não são propriedade de ninguém. Em sã consciência quem pode afirmar que *possui verdadeiramente*, um metro de chão deste planeta? Ele é que nos tem e nosso corpo físico volta a fazer parte dele, na transformação da matéria que chamamos morte. Algumas doses de humildade fariam bem aos governantes que legislam sobre a reforma agrária no país.

Interesse clínico

A pesquisa dos mitos tem grande interesse clínico. Mas, o estudo dos deuses só tem significado quando for integrado com a realidade vivenciada e atual. Corremos o risco de alienar ainda mais os nossos pacientes se os alimentarmos com fantasias hindus, gregas, árabes ou egípcias, africanas ou indígenas. Esta é uma advertência particularmente voltada para a fértil imaginação das mulheres brasileiras. Precisamos de experiências vividas para suturar os rasgões na nossa identidade feminina, não de fantasias.

Longe de esgotar um campo tão vasto, os aspectos aqui apontados trazem apenas algumas considerações que julguei úteis para as pessoas que estão dinamicamente em busca dos modelos internos de superação própria. Que não mais abordam a Mãe como refúgio e fuga da vida. Também não se afastam dela com medo e raiva, identificando-se com os excessos do princípio masculino. Talvez vamos conseguir reagir de maneira nova. Vamos trocar o apego e a raiva pela compreensão e acolher a Mãe em nossos braços. Isso, praticamente, significa aceitar a natureza dentro e fora de nós. Entender os ritmos naturais do corpo e do entorno. E conviver harmoniosamente com os recursos naturais do planeta porque senti-lo-emos como o corpo da Grande-Mãe. O próprio ventre de onde nascemos, todos nós.

Lua cheia em Leão / Aquário. 1996

Referências

1. **Rosevelt, Anna** – *Moundbuilders of the Amazon, Geophysical Archaeology on the Marajó Island*. Brazil, Academ. Press Inc. San Diego, 1990.
2. **Estés, Clarissa P.** – *Mulheres que Correm com os Lobos*. Rocco, Rio de Janeiro, 1995.
3. **Gimbutas, Marisa** – *The Language of the Goddess*. Harper, San Francisco, 1989.
4. **Revista do Círio** – publicação da diretoria da festa de N. S. de Nazaré, 1989 p.20 e segts.

5. **Numinoso** – Termo empregado por Jung em suas observações sobre as imagens arquetípicas para descrever uma experiência profunda e espiritual de difícil transcrição em palavras.

6. **Penna, Lucy C.** – *O Mito do Boto*. Boletim de Psicologia vol 38:88-89, 1988 p. 21-26.

7. Diversos mitos sobre a virgem negra foram analisados por Ean Begg: *The Cult of the Black Virgin*. Arkana Ed., London, 1985, sem menção à Nossa Senhora Aparecida.

8. **Neumann, Erich** – *The Great Mother. An analysis of the archetype*. Bollingen Series XLVII, Princeton Univ. Press, Princeton, 1963.

9. **Penna, Lucy C.** – *Dance e Recrie o Mundo*. Summus, S. Paulo, 1993.

10. **Câmara Cascudo, Luiz** – *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 5ª ed. Ed. Itatiaia, B. Horizonte, 1984.

11. **Verger, Pierre** – *Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. S. Paulo, 1981.

12. **Iwashita, Pedro** – *Maria e Iemanjá – Análise de um Sincretismo*. Ed. Paulinas, S. Paulo, 1991.

13. **Lody, Raul** – *Candomblé Religião e resistência cultural*. Ática, São Paulo, 1987 p.52

14. **Aflalo, Fred** – *Candomblé Uma visão do mundo*. Mandarim, São Paulo, 1996.

15. **Campbell, Joseph** – *As Máscaras de Deus: v. 1 Mitologia Primitiva*. Ed. Palas Athena, S. Paulo, 1992.

16. **Iwashita, Pedro** – op. Cit.; p.31.

17. **Cabrera, Lydia** – *Iemanjá em Cuba*. Rio de Janeiro, 1967, cit. Por Iwashita.

18. **Bastide, Roger** – *As Religiões Africanas no Brasil* 2v. S.Paulo, 1971, cit. P/Iwashita.

19. **Meira Penna, J. °** - *Em Berço Esplêndido*. José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 1974.

20. **Diel, Paul** – *Le Symbolisme dans la Mythologie Grecque*. Payot, Paris, 1966.

***Lucy Coelho Penna** - Psicóloga e psicoterapeuta, doutora em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Pós doutorada pela Universidade de Toronto, Canadá. Ex-professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Católica de Goiás (convidada) e da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de Pós graduação e especialização em psicoterapia junguiana. Escritora, pesquisadora, estuda os mitos e os símbolos da alma brasileira, e a consciência feminina. Escreveu diversos artigos em revistas especializadas, além de três livros: "**Corpo Sofrido e Mal Amado**" e "**Dance e Recrie o Mundo** " (Summus Ed.). "**Saúde e Qualidade de Vida**" (co-autoria, Editora Peirópolis). No prelo, **Pauxipuna** , sobre a espiritualidade indígena da Amazônia, combina o estudo dos símbolos arquetípicos com a mitologia evidenciando a presença pré histórica de um culto a divindades femininas.

Para outras consultas, favor acessar <http://geocities.yahoo.com.br/lucypenna>